

PREFÁCIO

**LITERATURA CONTEMPORÂNEA FRANCESA/FRANCÓFONA:
PRÊMIOS E FORMAÇÃO CRÍTICO-DISCURSIVA**

Ana Helena Rossi

Universidade de Brasília (UnB), Brasil

anahrossi@gmail.com

Joice Armani Galli

Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil

joicearmanigalli@gmail.com

*Quel sens as-tu trouvé à cette vie? Qual o
sentido que você encontrou nesta vida?*

*Thésée, sa vie nouvelle,
Camille de Toledo (2020, p. 186)*

Introdução

O trabalho sobre o texto literário, leitura e produção, bem como sua respectiva tradução seriam razões suficientes para justificar a organização de uma obra em torno da realização do *Choix Goncourt Brésil* (doravante CGB). Entretanto, mais que uma justificativa, fomos movidas pelo desejo de conhecer a construção histórica do prêmio literário, a fim de contextualizar as reflexões advindas das leituras realizadas em torno dessa premiação desde 2019. Fomos igualmente movidas pelo desejo de dar voz aos alunos envolvidos, e que aceitaram o desafio de participar do presente projeto: o *Dossier Spécial Goncourt*, cuja hospedagem está sendo garantida pela Revista caleidoscópico.

Um prêmio literário não nasce da noite para o dia. Trata-se de um processo intrínseco ao campo literário, e entender tal estruturação, dá-nos elementos para analisar os efeitos de uma obra, assim como a importância da literatura em seus aspectos sociais, históricos e estéticos. Nesse sentido, o prêmio Goncourt, e os demais prêmios são o resultado desta *história longa*, que constituiu os vários prêmios literários na França, cada um deles tentando chamar a atenção para si,

instaurando uma competição interessante, cujos efeitos são vender livros, fidelizar leitores, e definir o que é literatura.

Assim, para entendermos o aspecto diacrônico na estruturação do prêmio literário, a primeira parte constitui uma *mise en perspective historique*, que, conforme o subtítulo “campo literário e prêmios literários”, mostra como historicamente o prêmio Goncourt, assim como os demais, são o resultado de uma longuíssima luta para a autonomia do campo literário, permitindo com que os diferentes atores produzam obras a partir de critérios cada vez mais endógenos. Tal perspectiva histórica complementa-se com a análise das obras, e, mais particularmente, com o Letramento em Línguas a partir do conceito emancipatório e decolonial da literatura estrangeira, além do enfoque do *FOU Littéraire*.

Mise en perspective historique: campo literário e prêmios literários

A institucionalização do prêmio Goncourt dá-se como o resultado da expansão e da consolidação do campo literário na França, e sua consequente afirmação e visibilidade dos atores institucionais literários, assim como suas ramificações, conforme analisa o sociólogo Pierre Bourdieu em seu livro *Les règles de l'art - Genèse et structure du champ littéraire* (BOURDIEU, 1992). A hipótese central do livro é a “homologia estrutural” entre produção intelectual e espaço social (MUCCHIELLI, 2008). A contribuição de Pierre Bourdieu apresenta uma metodologia de análise das produções culturais que saem da perspectiva essencialista. Nesta abordagem, o campo literário é um conjunto de forças que se estruturam na França a partir da segunda metade do século XIX. A análise da narrativa objetiva um campo de interações construídas pelos diversos personagens que agem em seus microcosmos, e que, ao interagirem, constroem posições frente ao poder econômico e social.

Considerando a *histoire longue* (DIAZ, 2001), estabelecem-se alguns elementos para observar a estruturação progressiva desse espaço literário desde muito antes, na França. Iniciaremos o nosso recorte com as *joutes poétiques*, que são improvisações literárias cujo objetivo é, primeiramente, um combate literário entre cavaleiros, que simulam a luta. Assim, em pleno século XII, as *joutes* cavaleirescas são regidas como um balé. A progressiva instalação das cortes reais traz novas

socializações, e, já no século XVII, a Marquise de Rambouillet compreendeu perfeitamente as dimensões políticas e sociais de tais exercícios e encontros poéticos. São espaços onde se organizam des *jeux de rôle*, e onde se aprende a falar em público, onde fixam-se regras referentes ao uso da língua francesa, como no salão das *Précieuses du Marais*, ou no salão de Madame de La Fayette e de Madame de Sévigné. Não obstante as críticas contra *les précieuses*, notadamente por Molière em sua peça de teatro *Les précieuses ridicules*, as preciosas, essas damas da sociedade francesa, criaram um espaço no qual elas, enquanto anfitriãs de salões literários, organizam encontros em torno da língua francesa interessando-se por romances e poesia. Nos salões, suas produções literárias são lidas para um público cativo e interessado, além de fixar regras sobre a língua francesa que se contrapõem àquelas dos romances barrocos em voga na época.

Durante todo o período revolucionário, observa-se a crise das autoridades normativas resultando na implosão das instituições. A poesia sai dos salões literários e do público culto para tornar-se poesia militante de produção revolucionária presente na praça pública com um volume alto de produção a ponto de trazer uma ponta de desconfiança (CHAPPEY, 2014) para o gênero.

Em 1803, retorna-se às autoridades normativas, e reorganiza-se durante o Império o *Institut National - Classe de la langue et de la littérature françaises*, momento em que se retomam os concursos de poesia (CHAPPEY ET ALLII, 2020), prática comum durante o Antigo Regime em várias cidades francesas, herança da Idade Média (PERROT, 1971). A questão da autonomia literária volta para o cenário francês no ano de 1806, quando o júri do *Institut National de la langue et de la littérature françaises* coloca o seguinte tema no concurso de poesia: *Independência do homem de letras* (MILLEVOYE, 1806). O poema vencedor é de autoria de Charles Millevoye, e enfatiza a autonomia do escritor, mostrando a luta pela criação de um espaço de autonomia literária onde regras respondem, cada vez mais, a uma lógica interna.

Na segunda metade do século XIX, em particular no ano de 1857, três processos judiciais diretamente apontados contra escritores constituem uma sinalização de ataque contra a autonomia crescente do campo literário, que se traduz pela necessidade de censurar livros que tratam de questões de cunho social, de religião, de estética e de moralidade. Três escritores com seus respectivos livros,

a saber, Gustave Flaubert (*Madame Bovary*), Charles Baudelaire (*Les Fleurs du mal*) e Eugène Sue (*Les Mystères du Peuple*), são processados naquele ano pelo procurador imperial, Ernest Pinard, que os acusa de ofensa à moral pública e à religião.

Logo no início do ano, o primeiro processo ocorre em 31 de janeiro de 1857, movido contra Gustave Flaubert³, autor de *Madame Bovary*, romance publicado em 1857 a partir de um fato real ocorrido na Normandia. No banco dos acusados do *Tribunal Correctionnel de Paris*, os três nomes são: Léon Laurent-Pichat, o gerente da *revue de Paris*, que publicou o romance em seis episódios no ano de 1856, como era de costume na época, Pillet, o dono da gráfica, mas principalmente, o próprio autor do romance, Gustave Flaubert. Os três são acusados de ofensa à moral pública e religiosa a partir de quatro trechos do romance, segundo as palavras do procurador imperial, Ernest Pinard: “A ofensa à moral pública encontra-se nas cenas indecentes que colocarei debaixo de vossos olhos, a ofensa à moral religiosa nas imagens de luxúria agregadas às coisas sagradas.”⁴

Mas, para além da acusação da editora da revista e do dono da gráfica, o procurador condena a estética realista, conforme relatado a seguir:

Esta moral estigmatiza a literatura realista, não porque Ela pinta as paixões: ódio, vingança, amor ; o mundo vive sobre isso, e a arte deve pintá-los, **mas quando Ela os pinta sem freio, nem medida. A arte sem regra não é mais arte**; é como uma mulher que ficaria sem roupa. Impor à arte a única regra da decência pública, não é dominá-la, mas honrá-la. Sem regra não há crescimento. Eis, então, Senhores, os princípios que advogamos, eis uma doutrina que defendemos com consciência.⁵ (grifos nossos)

³ Existe uma extensa discussão da crítica literária sobre os verdadeiros motivos desse processo literário de 1857, e do papel de Maxime Du Camp no tocante às divergências estéticas. No entanto, não trataremos dessa questão na medida em que o propósito é trazer à tona certos elementos históricos referentes à autonomização do campo literário. Para uma contextualização a respeito da complexidade desse processo contra G. Flaubert, ver [Gustave Flaubert - études critiques - «Mon affaire est une affaire politique»: la Revue de Paris et le procès de Madame Bovary \(univ-rouen.fr\)](#). Acesso em 26/02/2022. Tradução nossa.

⁴ “L’offense à la morale publique est dans les tableaux lascifs que je mettrai sous vos yeux, l’offense à la morale religieuse dans des images voluptueuses mêlées aux choses sacrées.” in [Justice / Portail / Les 150 ans du procès de Madame Bovary](#). Acesso em 27/02/2022. Tradução nossa.

⁵ “Cette morale stigmatise la littérature réaliste, non pas parce qu’Elle peint les passions: la haine, la vengeance, l’amour ; le monde ne vit que là-dessus et l’art doit les peindre; mais quand Elle les peint sans frein, sans mesure. L’art sans règle n’est plus l’art ; c’est comme une femme qui quitterait tout vêtement. Imposer à l’art l’unique règle de la décence publique, ce n’est pas l’asservir, mais l’honorer. On ne grandit qu’avec une règle. Voilà, messieurs, les principes que nous professons, voilà une doctrine que nous défendons avec conscience.” in [Réquisitoire de M. l’avocat impérial. M. Ernest Pinard : Ministère Public contre M. Gustave Flaubert - napoleon.org](#). Acesso em 24/02/ 2022. Tradução nossa.

Apesar do excelente discurso do procurador imperial, os acusados são absolvidos em fevereiro de 1857 (BARILLER, 1978). No mesmo ano, em 21 de junho, Ernest Pinard, o mesmo procurador que perdera o processo contra Gustave Flaubert, inicia um outro contra Charles Baudelaire e seus editores, após a publicação do livro de poesia *Les Fleurs du mal*. Os livros são recolhidos, e é dado início ao processo na *6e Chambre correctionnelle de la Seine* por ofensa à moral pública e aos bons costumes em função de “passagens ou expressões obscenas e imorais” (MINISTÈRE DE LA JUSTICE, 2020). O resultado do processo não será o mesmo para Charles Baudelaire, que, juntamente com seu editor, é condenado a pagar 100 francos cada um, além de serem obrigados a retirar seis poemas do livro. O terceiro autor perseguido, Eugène Sue, autor de *Les Mystères du Peuple*, uma obra imensa, já publicada em série no *Journal des Débats*. Mas esses não são os únicos processos literários, pois, entre 1821 e 1892, houve vinte e seis processos contra escritores (LECLERC, 2010), além de outras censuras como aquelas colocadas na lista do *Index* da Igreja Católica (AMADIEU, 2004). Os irmãos Goncourt e os demais protagonistas do mundo literário acompanham os processos com atenção, e em 1874, após a morte precoce de Jules de Goncourt, seu irmão, Edmond de Goncourt, redige um testamento para fundar a *Société Littéraire des Goncourt*, mais conhecida como *Académie Goncourt* (ROSSINOT, 2022), o que vira realidade em 1903. A luta para a construção desse prêmio literário não foi fácil, e toda a história, incluindo-se aí os bastidores, ainda está para ser contada (TRECOURT, 2021).

A criação do prêmio literário explicita os critérios internos para definir o que é uma obra literária, assim como seu valor. Importa aqui observar os vinte artigos que compõem o Regulamento Interno da *Société Littéraire des Goncourt* (ACADÉMIE GONCOURT, 2021). O Art. 1 do Regulamento Interno da referida *Société* determina que a sociedade deve “ajudar as letras, ajudar os escritores e tornar mais estreitas suas relações de confraternidade, cuja garantia financeira é, inicialmente, a fortuna deixada pelos irmãos Goncourt, assim como doações que a Sociedade pode receber” (SOCIÉTÉ LITTÉRAIRE DES GONCOURT, 2021):

Declaro destinar para a constituição desta sociedade tanto o produto da venda de meus bens e móveis que as somas futuras de meus direitos autorais dos livros e peças de teatro publicados em vida, tanto quanto as

publicações de livros que serão publicados após meu falecimento, dentre outros um livro intitulado *Journal des Goncourt: Mémoires de la vie littéraire*.⁶

Assim, observa-se, no Art. Primeiro a necessária vontade de propiciar condições materiais para os escritores, tais como bolsas e prêmios, além de uma alocação, excepcional ou regular, destinada aos membros honorários da sociedade, em caso de necessidade. Os documentos referentes ao funcionamento da Academia, antes depositados na *Bibliothèque de l’Arsenal* em Paris, foram enviados em 1988 para os Arquivos Municipais de Nancy, cidade de nascimento de Edmond de Goncourt. Os arquivos contêm diversos documentos, ainda não estudados, como registro das deliberações, natureza dos debates, votações, além de pinturas, objetos diversos, esculturas e fotografias que mostram os jantares no restaurante *chez Drouant*. Sobre esse ponto, observa-se uma real vontade, expressa na última versão do testamento de Edmond de Goncourt, em 1896, para a fundação da Sociedade Literária, que inclui de imediato os seguintes nomes oriundos do mundo literário: Alphonse Daudet, Joris-Karl Huysmans, Octave Mirbeau, Rosny (l’aîné), Léon Hennique, Paul Margueritte, Gustave Geffroy. No testamento está escrito o que segue abaixo:

Para ter a honra de pertencer à Sociedade, **será necessário ser um homem das letras, nada mais do que um homem das letras, não aceitaremos nem grandes senhores, nem políticos**. Toda eleição para a Academia Francesa de um dos membros acarretará irremediavelmente a demissão do referido membro e a renúncia à renda aqui estipulada. (ACADÉMIE GONCOURT, 2022)⁷ (grifos nossos)

A observação confirma a vontade dos fundadores da Sociedade Literária de ditar as próprias regras da produção literária, com membros pertencentes exclusivamente a este mundo.

⁶ “(...) Je déclare affecter pour la constitution de cette société tant le produit de la vente de mes biens et objets mobiliers que les sommes à provenir de mes droits d’auteur pour les livres et pièces de théâtre publiés de mon vivant, aussi bien que pour les publications d’ouvrages qui paraîtront après mon décès, notamment un ouvrage intitulé.” *Journal des Goncourt, Mémoires de la vie littéraire*. in [Le testament d’Edmond de Goncourt | Académie Goncourt \(academiegoncourt.com\)](#). Acesso em 20/02/2022. Tradução nossa.

⁷ « Pour avoir l’honneur de faire partie de la Société, **il sera nécessaire d’être homme de lettres, rien qu’homme de lettres, on n’y recevra ni grands seigneurs, ni hommes politiques**. Toute élection à l’Académie Française d’un des membres entraînera de droit la démission de ce membre et la renonciation à la rente ci-après stipulée. ». Tradução nossa.

Desde então, o prêmio Goncourt consolidou-se na França enquanto instituição literária que tende a definir os rumos dos romances em língua francesa, competindo com outros prêmios literários criados no século XX, como o prêmio Renaudot, fundado em 1926 (MIRANDA, 2020), e as disputas em torno do "melhor romance" (WEIDENHAUN, 2019). Em 1988, a partir de uma iniciativa da FNAC conjuntamente com a Académie Goncourt (ACADÉMIE RENNES, 2021), cria-se, conjuntamente com o Ministério da Educação, o *Goncourt des Lycéens*, que, desde então, escolhe anualmente o "seu" vencedor. Em 2019, acontece a primeira edição do CGB a partir de uma iniciativa da Embaixada da França no Brasil. Nesta ocasião, o CGB contou com cinco universidades públicas brasileiras, quais sejam: Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Universidade de São Paulo (USP,) que organizaram um total de 68 estudantes universitários durante um ano, para ler, debater e escolher o vencedor do CGB, conforme ilustra a imagem a seguir:



Fonte: [Prêmio Literário Choix Goncourt du Brésil elege o primeiro vencedor: David Diop \(amlef.com.br\)](https://amlef.com.br). Acesso em: 22/02/2022.

Neste ano, por unanimidade, os estudantes escolheram o romance de David Diop, *Frère d'Âme*, cuja Primeira Guerra Mundial é narrada por um artilheiro senegalês, livro esse traduzido para o português do Brasil sob o título *Irmão de Alma*, (EDITORA NOS, 2022), pela tradutora Raquel Camargo, cuja colaboração compõe um artigo do presente Dossier. Em 2020 e em 2021, o número de universidades públicas brasileiras participantes do júri aumentou para nove, e em seguida, para onze (ACADÉMIE GONCOURT, 2022). Após a primeira edição, outras universidades

juntaram-se ao projeto, como a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal da Amazônia (UFAM), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e UNESP (Universidade Estadual Paulista). Hoje, o prêmio Goncourt continua a espalhar-se para outras regiões geográficas.

Retomar a história longa do fenômeno literário contribui para compreender a maneira como uma obra é lida, quais os recortes possíveis e endógenos de avaliação das obras. Nesse sentido, a seção seguinte introduzirá a perspectiva sincrônica no intuito de associar tais informações para o entendimento da questão posta, neste prefácio, a construção do CGB e sua interlocução na formação discente.

Relações entre Letramento em Línguas e *FOU Littéraire*: algumas considerações

Discorrer sobre a organização de uma obra, que tem por objetivo tornar públicas as reflexões de estudantes de Letras significa igualmente discorrer sobre a leitura e a análise de produções literárias. Nesse caso, trata-se de obras inéditas que acabaram de ser selecionadas para comporem os romances finalistas do prestigiado prêmio francês *Choix Goncourt*. Será sobre o processo de leitura dessas obras e suas implicações analíticas que nos debruçaremos na presente seção. Ao adotarmos a perspectiva do Letramento em Línguas, que concebe a expressão da linguagem enquanto prática social, discutiremos a formação superior do curso de Letras e suas repercussões na constituição de sujeitos críticos, além da interlocução dessa abordagem juntamente ao *FOU Littéraire*.

Considerando a gaseificação do termo Letramento nos últimos tempos, importa ressaltar a robustez conceitual de uma área que dialoga com a Análise do Discurso de base francesa, bem como com as perspectivas do ensino de línguas enquanto exercício da cidadania. Logo, o presente tema trata de aspectos pertinentes para serem pensadas políticas públicas (eco) linguísticas, conforme preconizam pensadores como Louis-Jean Calvet (2018), da grande área da Sociolinguística. No caso do Letramento em Línguas, a particularidade está em vincular o ensino-aprendizado de línguas e suas respectivas literaturas a uma

miríade de representações que impactam no processo de aquisição do conhecimento linguístico. Essa vertente contemporânea da Linguística Aplicada (LA), o Letramento em Línguas, convida-nos a olhar para esse processo de forma menos convencional, já que se instaura na pertinência em considerar as relações culturais no qual está submersa uma LE. O Letramento convida a pensar a língua para além de seu funcionamento e funcionalidade, convida a pensar sobre as implicações complexas que as línguas mantêm com a ideologia e o poder. Segundo Galli (2012, p. 7), o Letramento em LE “pode ser entendido como a prática social de apropriação de uma língua para além do código, considerando os matizes culturais que compõem o universo linguístico de uma determinada comunidade”.

Consideramos pertinente trazer essa abordagem quando da organização do presente capítulo, pois reverbera na própria escrita de textos literários pungentes e vivamente contemporâneos. Partindo-se igualmente do fato de que a prática é anterior à teoria, reconhece-se a relevância em realizar debates em torno do que seja a leitura de textos literários franceses/francófonos, uma vez que são evocadas noções caras ao Letramento em Línguas, tais que imaginário e representação, estabelecendo por conseguinte uma estreita relação com a arte e com a expressão literária de uma determinada língua.

Na clássica obra de Antoine Compagnon, “Le démon de la théorie” (1998), as evidências de que história, crítica e pesquisa constituem a prática literária conjugam-se aos princípios que fundamentam o Letramento em Línguas. A referida concepção de prática literária auxilia na compreensão dos diferentes matizes que compõem o estudo de uma que é, senão a maior, uma das mais expressivas manifestações de arte: a literatura. A propósito, quando evocamos o alcance da literatura, comungamos a reflexão advinda da célebre citação: “la splendeur d’une révolution permanente du langage, je l’appelle pour ma part: littérature” (BARTHES, 1978, p. 14). Ou seja, para o autor a literatura seria o esplendor permanente de uma revolução da linguagem, daí a relevância em olharmos com mais atenção para o acontecimento da formação crítica dos estudantes de Letras. O artigo que trata da escrita narrativa, por exemplo, “A posição do narrador no romance contemporâneo: Extérieur Monde ou Intérieur Monde?”, dos alunos da UFC, ilustra sobremaneira tal consideração.

Sob tal perspectiva, o combate entre a teoria e o senso comum é o que dá à crítica seu sentido e nesse mosaico de elementos chega-se ao entrelugar, condição que nos parece de extrema importância para entender a pesquisa no âmbito da teoria da literatura ou seria teoria literária como bem aponta Antoine Compagnon (*Op. Cit.*). De toda forma, entendemos que, se de um lado, a teoria nos ajuda a desconfiar das evidências, por outro essa mesma teoria nos auxilia a ver o quanto há de universalidade em obras que atravessam tempos e espaços tão distintos chegando à realidade brasileira. Daí a pertinência em trazermos à baila os preceitos do *FOU Littéraire*, que são antes uma démarche a uma teoria hermética, porque considera o contexto local e seus atravessamos políticos na formação discursiva dos estudantes de Letras Francês. Essa é a base teórica-metodológica na qual se assenta o projeto de pesquisa intitulado *Le FOU Littéraire/FOU Literário*: elementos para uma leitura colaborativa, desenvolvido pelo grupo de pesquisa e que reverbera na produção de um dos artigos que compõem o presente dossiê, intitulado “Uma análise sobre o possível lugar da literatura francesa contemporânea na realidade sociocultural brasileira”, assinado por estudantes da UFF.

Dessa forma, sob o enfoque do francês em particular, pensamos ser oportuno acrescentar à tessitura deste prefácio outra perspectiva tão importante quanto ao do Letramento em Línguas, qual seja: a do *Français sur Objectif Spécifique*, o FOS, e seu desdobramento para a formação universitária, o *Français sur Objectif Universitaire*, o FOU, na *filière littéraire*.

Nascido da necessidade em tornar mais específico os princípios universalistas do Français Langue Étrangère - FLE - o FOS surge como uma modalidade da Didática do Francês e dos Estudos da Linguagem na França (MANGIANTE & PARPETTE, 2004). Empregada inicialmente em contextos profissionais, Florence Mourlhon-Dallies (2011), o FOS por sua natureza adaptativa constitui-se através de seus desdobramentos, sendo o caso do francês literário no meio universitário, o *FOU Littéraire*. Nesse sentido, o presente projeto de organização da obra, que ora entregamos ao leitor, considera os pressupostos teóricos do *FOU Littéraire* por entender as especificidades desse tipo de texto. Comungamos o fato de que as camadas que compõem a escrita literária, quais sejam: contexto, ideologia e biografia não sejam suficientes para conceituar a literatura, visto que sua definição se deve à própria tessitura textual interna. Nas palavras de

Mangiante e Raviez: “Mas o texto literário não é tão somente a crônica de um homem e de seu tempo. O que o distingue de qualquer outra produção escrita é a língua, o trabalho sobre a língua” (2015, p. 94)⁸.

Esse é *l'épanouissement* do texto literário, cuja efervescência é sentida na produção dos artigos que compõem a presente seleção escrita por estudantes universitários brasileiros. Ao propor a análise de romances que fogem à tradição clássica francesa, o presente *Dossier* oportuniza a redação de textos argumentativos que sustentam a defesa de uma obra comparada às demais sob uma perspectiva crítica e decolonial (GALLI *et al*, 2021). Sob o ponto de vista macro, contempla igualmente a troca de experiências entre diferentes universidades brasileiras, estabelecendo, assim, uma rede de discussões literárias.

É o caso dos textos “Les dimensions culturelle et affective dans la lecture littéraire: l'expérience du projet Choix Goncourt 2020”, da UFPE e o “O Choix Goncourt e o crítico em formação: relato de experiência”, assinado por estudantes da UFMG.

A consistência dessas trocas teve palco também por ocasião do evento intitulado “VI Seminários de Literaturas Francófonas” (SELIFRAN), promovido pela UERJ em 2021, cujas excepcionais discussões permitiram discorrer sobre ‘Ensino de literaturas em aulas de FLE’⁹. Assim, nessa mesa redonda foi possível desenvolver alguns preceitos relativos ao projeto de pesquisa em curso na UFF desde 2018, trazendo à cena questões relativas ao *FOU Littéraire*.

Outra oportunidade em que se pode discutir a formação literária no cruzamento dessas perspectivas, a do Letramento em Línguas e do *FOU Littéraire* foi a entrevista concedida à Revista *interFACES* (UFRJ)¹⁰.

Valendo-nos mais uma vez de Compagnon, entendemos que a verdade está no entrelugar e foi guiado por essa lente que destrinchamos (como se fôssemos tirar as trincheiras em uma guerra), as leituras realizadas em torno das obras que compuseram a primeira e a segunda edições do CGB. Considerando que cada sociedade possui, de acordo com seu campo imagético, as representações que

⁸ Mais le texte littéraire n'est pas que la chronique d'un homme et de son temps. Ce qui le distingue de toute autre production écrite, c'est la langue, le travail sur la langue. (MANGIANTE; RAVIEZ, 2015, p. 94) Tradução nossa.

⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=yuv9TmP0mYQ>. Acesso em 12/03/2022.

¹⁰ v. 31, n. 2 (2021). Acesso em 12/03/2022.

operam em sua constituição artística e social, compartilhamos desse “intermezzo” indicado por Compagnon. Não sem razão, iniciamos este prefácio com a citação de uma das obras que fazem parte da III edição do CGB, já que as relações estabelecidas entre línguas, artes e discurso assumem um potencial real e ficcional intrínseco à literatura.

Conclusão

A presente publicação reflete o engajamento dos professores e alunos comprometidos junto ao CGB, projeto que resulta da experiência coletiva das universidades públicas brasileiras para aprimoramento da formação superior no que tange aos preceitos contemporâneos da literatura francesa. Através de uma perspectiva diacrônica cruzada com uma dimensão sincrônica foi possível oportunizar a reflexão sobre o impacto das obras do CGB junto aos estudantes brasileiros, que participaram da 1ª e 2ª edições do CGB em *terra brasilis*, respectivamente em 2019 e 2020.

Ainda que a primeira edição tenha chegado ao resultado unânime, tal desfecho não foi o mesmo em 2020 quando foi eleita a obra de Jean-Paul Dubois “Tous les hommes n’habitent pas le monde de la même façon”. Menos ainda na terceira edição, cuja epígrafe ilustra o início do presente prefácio, o que nos permite concluir que há uma complexidade, um desenvolvimento na formação desses jovens leitores nos cursos de Letras-Francês.

Nesse sentido, a análise das diferentes edições no Brasil, mostra que, de uma certa forma ou de outra, os estudantes vêm perspectivas diferenciadas nas obras propostas pelo CGB. A publicação deste *Dossier Spécial Goncourt* é um repositório pertinente para identificarmos o aperfeiçoamento crítico e discursivo dos estudantes das universidades públicas brasileiras no âmbito dessa premiação literária.

REFERÊNCIAS

ACADÉMIE GONCOURT, [HOME | Académie Goncourt \(academiegoncourt.com\)](https://www.academiegoncourt.com/).

ACADÉMIE GONCOURT, “Choix Goncourt Brésil”, [Le choix du Brésil | Académie Goncourt \(academiegoncourt.com\)](#).

ACADÉMIE RENNES, [Historique des lauréats du Prix Goncourt des Lycéens - Prix Goncourt des Lycéens 2021 \(ac-rennes.fr\)](#).

AMADIEU J-B. “La littérature française du XIXe siècle à l’Index”. *RHLF*. 2004. n. 2. p. 395-422.

BARILLER, Jean, “Le procès de Madame Bovary”, in *Les Amis de Flaubert*, 1978, bulletin n. 52, p. 30. [“Le procès de Madame Bovary” | Les Amis de Flaubert et de Maupassant \(amis-flaubert-maupassant.fr\)](#)

BARTHES, R. Leçon. Paris: Éditions du Seuil, 1978.

BOURDIEU P. *Les règles de l’art. Genèse et structure du champ littéraire*, Paris, Seuil, 1992, col. Points.

CALVET, L-J. 2018. Inventar a língua e lhe dar um nome. In: ECO-REBEL – Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem. Brasília: UnB, 2018. <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9913>

CHAPPEY, J.-L, LEROY, C. ZEKIAN S,, “Poètes et poésies à l’âge des révolutions (1789-1820)”, *La Révolution française* [Online], 7 | 2014, Online since 31 December 2014, connection on 03 March 2022. URL: <http://journals.openedition.org/lrf/1179>; DOI: <https://doi.org/10.4000/lrf.1179>

CHAPPEY, J.-L. PEUREUX G., « Poètes en quête de sacre ? La poésie dans les concours académiques sous l’Empire », *La Révolution française* [En ligne], 7 | 2014, mis en ligne le 31 décembre 2014, consulté le 14 février 2020. URL : <http://journals.openedition.org/lrf/1192> ; DOI : 10.4000/lrf. 1192

COMPAGNON, A. *Le démon de la théorie: littérature et sens commun*. Paris: Le Seuil, 1998. <https://banq.pretnumerique.ca/resources/54b18179cdd23087a977d11c>

DIAZ J.-L. L’autonomisation de la littérature (1760-1860). In: *Littérature*, n°124, 2001. Histoires littéraires.pp.7-22. DOI: <https://doi.org/10.3406/litt.2001.1727>. www.persee.fr/doc/litt_00474800_2001_num_124_4_1727

EDITORA NOS, [Arquivos David Diop - Editora Nós \(editoranos.com.br\)](#), Acesso em 22 02 2022.

GALLI, J. A. et al. A representação da Língua Francesa entre expectativas universitárias e realidade na escola pública: um recorte plurilíngue em terras fluminenses. *Revista Leitura: UFAL*. Número 68, 2021, p. 207-222. <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/11872/8390>

GALLI, J. A. Política linguística e letramento em LE: o papel das línguas na sociedade contemporânea. In: *Discursos de resistência: literatura, cultura e política*. Grigolletto et al (orgs.) São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. P. 79-99.

https://issuu.com/neplev/docs/discursos_de_resistencia?fbclid=IwAR2bfgtIKzI8YwazgSna-gTZ5qPFNa-hLzPSoDmLP3MEIWkf6eB_e7GYSEo

GALLI, J. A. Des représentations culturelles dans l'enseignement-apprentissage de français: la langue comme signe d'altérité dans le programme Brafitec. In : *Mobilités, Réseaux et interculturalités, nouveaux défis pour la recherche scientifique et la pratique professionnelle*. Collections Espaces Interculturels. Orgs. COSTA-FERNANDEZ, DENOIX et LESCARRET. Paris : Éditions de L'Harmattan, 2018, p. 249-260.

GALLI, J. A. La notion d'interculturel et l'enseignement-apprentissage des langues étrangères au Brésil: représentations et réalités du français. In: *Synergies Brésil – Territoires et expériences de la francophonie en Amérique du Sud et ailleurs*. Numéro 12, GERFLINT, 2017b, p. 81-102. http://gerflint.fr/Base/Bresil12/armani_galli.pdf

GALLI, J. A. O ensino de fle para crianças na rede pública escolar através da coleção les petits philosophes: rené descartes et sigmund freud. Anais IV ENLIJE. Campina Grande: Realize Editora, 2012. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/736>. Acesso em: 02/03/2022.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. São Paulo : Lamparina, 2015.

LECLERC, Y. Procès, censure et autocensure dans le roman du XIXe siècle : l'exemple de Madame Bovary. In: *Cahiers de l'Association internationale des études françaises*, 2010, n°62. pp. 343-359; doi : <https://doi.org/10.3406/caief.2010.2615> https://www.persee.fr/doc/caief_0571-5865_2010_num_62_1_2615

MINISTÈRE DE LA JUSTICE, "Les Fleurs du Mal ou l'outrage à la morale publique". [Justice / Portail / Les Fleurs du mal ou l'outrage à la morale publique](#), 2020, Acesso em 23/02/2022.

MANGIANTE, J-M; PARPETTE, C. *Le français sur objectif spécifique: de l'analyse des besoins à l'élaboration d'un cours*. Paris: Hachette, 2004.

MANGIANTE, J. M; RAVIEZ, F. *Réussir ses études littéraires*. Grenoble: PUG, 2015.

MILLEVOYE, C., *L'indépendance de l'homme de lettres, discours en vers qui a remporté le prix décerné par l'Institut National (classe de la langue et de la littérature françaises) dans sa séance publique du 2 janvier 1806, Paris, Chez Léopold Collin, librairie, rue Gît-le-Coeur, n.4, et et Lenormant, rue des Prêtres-S.-Germain-l'Auxerrois, 1806 (L'indépendance de l'homme de lettres, discours en vers qui a remporté le prix décerné par l'Institut national (classe de la langue et de la littérature française) dans sa séance publique du 2 janvier 1806, par Charles Millevoye | Gallica (bnf.fr))*, Acesso em 28/02/2022.

MIRANDA, M. DE, 2020, [Prix Renaudot : histoire d'un prix littéraire anti-Goncourt \(lireka.com\)](#), Acesso em 22/02/2022.

MOURLHON-DALLIES. F. Le français sur objectifs universitaires, entre français académique, français de spécialité et français pré-professionnel. In: *Synergies France Gerflint*, 2011, 135-143. <https://gerflint.fr/Base/Monde8-T1/mourlhon-dallies.pdf>

MUCCHIELLI L. « Les Règles de l'art. Genèse et structure du champ littéraire » », dans : Jean-François Dortier éd., *Pierre Bourdieu. Son œuvre, son héritage*. Auxerre, Éditions Sciences Humaines, « Petite bibliothèque », 2008, p. 64-65. DOI : 10.3917/sh.colle.2008.02.0064. <https://www.cairn.info/---page-64.htm>. Acesso em 12/02/2022.

PERROT, J.-C. Les Concours poétiques de Basse-Normandie (1660-1792). Anglophilie et anglophobie au XVIIIe siècle. In: *Annales historiques de la Révolution française*, n°205, 1971. pp. 405-440; doi : <https://doi.org/10.3406/ahrf.1971.4293> https://www.persee.fr/doc/ahrf_0003-4436_1971_num_205_1_4293

PINHEIRO-MARIZ. J. O desenvolvimento da competência intercultural em aula de língua estrangeira. In: *Leitura(s) em francês língua estrangeira*. PIETRARÓIA, C. M. C. e ALBUQUERQUE-COSTA. H. (orgs). São Paulo: Editora Paulistana, Série Enjeu, volume 2, 2014. p. 87-112.

ROSSINOT F. [Statuts de la société littéraire | Académie Goncourt \(academiegoncourt.com\)](https://www.academie-goncourt.com/Statuts-de-la-societe-litteraire), Modificados em 2008. Acesso em 28/02/2022

ROSSINOT F. “Le testament d’Edmond de Goncourt”, 2022, in [Le testament d’Edmond de Goncourt | Académie Goncourt \(academiegoncourt.com\)](https://www.academie-goncourt.com/Le-testament-d-Edmond-de-Goncourt), Acesso em 20/02/2022.

SOCIÉTÉ LITTÉRAIRE DES GONCOURT. RÈGLEMENT INTÉRIEUR. [d5bd15 861e4f20adf5453090fcd5029f75806f.pdf \(academie-goncourt.com\)](https://www.academie-goncourt.com/d5bd15861e4f20adf5453090fcd5029f75806f.pdf), 2021, Acesso em 24/02/2022.

TOLEDO, C. *Thésée, sa vie nouvelle*. Paris: Verdier, 2020.

TRECOURT. F. [L’histoire du Goncourt reste à écrire | CNRS Le journal](https://www.cnrs-lejournal.fr/L-histoire-du-Goncourt-reste-a-ecrire), 2021. Acesso em 23/02/2022.

WEIDENHAUM. A. [Prix et mépris littéraires \(lvsl.fr\)](https://www.lvsl.fr/Prix-et-mepri-litteraires), 2019, Acesso em 23/02/2022.

ZADIG, G. A escolha do Goncourt no Brasil: Zadig Gama entrevista Joice Armani Galli. *Revista interFACES/UFRJ*, Dossier Prêmios, querelas e consagrações. V. 31, n. 2 (2021), <https://revistas.ufri.br/index.php/interfaces/article/view/49129>. Acesso em 15/03/2022.